

ARTIGOS

A HISTORICIDADE DE NABUCODONOSOR: ANÁLISE PALEOGRÁFICA E INTERPRETATIVA DE UMA INSCRIÇÃO NEO-BABILÔNICA

Dr. Rodrigo Pereira Silva

Professor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
rodrigo.silva@unasp.edu.br

RESUMO: Este artigo pretende traduzir e comentar um texto cuneiforme encontrado em um tijolo babilônico do tempo de Nabucodonosor, e interpretá-lo à luz da busca pela confirmação da historicidade bíblica.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia, texto cuneiforme, Babilônia, Assiriologia, Paleografia

The historicity of Nebuchadnezzar: interpretative and paleographic analysis of a neo-babylonian inscription

ABSTRACT: This article intends to translate and comment a cuneiform text found in a Babylonian brick from the Nebuchadnezzar's times, and to interpret it in light of the search for the confirmation of biblical historicity.

KEYWORDS: Archaeology, cuneiform text, Babylon, Assyriology, Paleography

1. INTRODUÇÃO

A Arqueologia, em seu sentido primário e introdutório, pode ser descrita como “a ciência que estuda a vida e a cultura de povos antigos por meio de escavações ou através de documentos, monumentos, objetos, etc, por eles deixados” (Ferreira, 1986). Essa definição leiga, contudo, não abarca todos os debates que se fazem, principalmente, no tocante à sua qualificação como “bíblica” (Ben-Tor, 1992).

Nos meios mais especializados, chega-se a definir o termo “arqueologia” como uma palavra ilusória e enganadora que diz pouco ou nada acerca de seu conteúdo (Hoerth, 1999). A presente pesquisa, porém, pauta-se por um método que aceita como legítimo o binômio “arqueologia bíblica”, e o define como um estudo criteriosamente científico sobre qualquer cultura relativa à história sagrada contida na Bíblia.

Portanto, não é objeto da pesquisa arqueológica aquelas noções religiosas ou teológicas que demandam um exercício da fé. Questões como a existência de Deus, a divindade de Jesus Cristo e outras são particularidades que não podem ser confirmadas nem negadas pela pá do arqueólogo. Contudo, é possível, por meio das escavações, encontrar indícios que confirmem ou neguem o testemunho bíblico. A partir daí, a aplicação das leis do raciocínio correto nos permite supor que, se a narrativa que a Bíblia apresenta for verdadeira do ponto de vista histórico (por mais fantástica que aparente ser), a teologia que ela contém também o será.

Neste ponto é importante acentuar o caráter confirmatório da arqueologia em relação à Bíblia, que não somente silencia o ceticismo crítico, mas ainda reafirma a fé daqueles cuja razão solicita um mínimo de realidade empírica. A busca histórica de Nabucodonosor é um bom exemplo disso.



Deste modo, o que apresentaremos nesse artigo é a tradução e comentário inéditos de um tijolo cuneiforme babilônico que, embora esteja há mais de vinte anos no Brasil, somente agora teve seu conteúdo revelado a partir de estudos gramaticais acadêmicos e comparações com outros exemplares pertencentes aos museus de Londres, Bagdá, Louvre e Berlim.

2. A HISTORICIDADE DE NABUCODONOSOR

Embora o nome Nabucodonosor nunca tenha saído da mente dos historiadores, a ausência absoluta de evidências arqueológicas que apontassem para sua existência chegava a ser constrangedora. Se ele realmente houvesse existido e construído uma metrópole pelo menos próxima às proporções que descrevem Heródoto, Berossus e a própria Bíblia, as ruínas de seu palácio deveriam estar visíveis nas redondezas de Bagdá. Porém, a única coisa que se via era um imenso deserto com uma colina empoeirada que os árabes tradicionalmente chamavam de Babil.

Porém, aceitar essa Babil como os restos da antiga Babilônia, era uma idéia muito fraca para os críticos mais acirrados. O que se tinha de concreto era uma quase total ignorância sobre a localização e formas da antiga cidade. Não eram poucos os pesquisadores que ao chegarem em Bagdá e às colinas de Babil, se decepcionavam ao verem ali apenas uma montanha de tijolos velhos recheados de inscrições antigas, até então jamais decifradas por qualquer paleógrafo.

No caso específico da Teologia, os seminários europeus estavam, por esse tempo, passando por uma profunda sobrevalorização da lógica racional em detrimento à fé. Um impulso maior a essa abordagem racionalista das Escrituras foi dado por ocasião do Iluminismo e do forte movimento historicista alemão que, embora se destacasse no século XIX, tem suas raízes já no século XVIII, quando o deísta Hermann Samuel Reimarus havia posto no papel um ferrenho ataque à historicidade bíblica por meio de sua obra *Apologie, oder Schützchrift für die vernünftigen Verehrer Gottes*, concluída em 1767.

Desde a chegada do Iluminismo alemão no século XVIII (*Aufklärung*), a Teologia clássica havia se confrontado com uma nova hermenêutica liberal e minimalista em relação às Escrituras. O desenvolvimento acadêmico do Método Histórico-Crítico e suas ferramentas exegéticas (*Formgeschichte, Traditionsgeschichte, Überlieferungsgeschichte* etc) trouxeram acentuadas dúvidas em relação à existência histórica de muitos dos personagens contidos na narrativa bíblica.

Como resultado, introduziu-se arbitrariamente à leitura bíblica aquela mesma noção germânico-historicista de diferenciação entre o histórico (*historische*) e o historial (*geschichtliche*). Onde se entende, pelo primeiro, a história real ou os puros fatos do passado, jamais resgatados em sua inteireza. E, pelo segundo, aquela história romântica ou romantizada advinda do sentimento popular e religioso que nunca descreve um episódio como de fato ocorreu, mas segundo a interpretação poética dos deuses e do sentimentalismo artístico que alimenta o mito, mas que não serve para reconstituir a verdade dos fatos.

No entanto, o curioso é que muitos teólogos racionalistas, embora arvorassem rigor científico em sua abordagem bíblica, acabavam cometendo sérios erros no método de seu discurso. Baseados no argumento do silêncio, tomavam como comprovada a priori uma hipótese que não elucidava o assunto, antes o tornava mais obscuro e difícil como tantas vezes acontece nas conclusões da alta crítica. Apresentavam uma máxima na forma de sugestão apenas e, depois tomavam-na como provada, alicerçando nela o edifício da dúvida em relação ao relato escriturístico (Kerr, 1941).

Foi esse o procedimento em relação ao estudo do livro de Daniel e à conseguinte existência de Nabucodonosor. A persistência racionalista na negação de fatos chegou a tal ponto que, nem mesmo as recém descobertas arqueológicas do Oriente Médio ou o surgimento de novas ciências como a Assiriologia e Papirologia foram capazes de modificar o pensamento de alguns. Em sua velhice, Ernest Renan, que havia sido professor de hebraico e crítico ferrenho da historicidade bíblica, iniciou um ensaio sobre a história do povo de Israel, no qual negligenciou refazer os estudos semíticos com base nos novos achados arqueológicos. Ademais, ainda repeliu, embora com certo respeito, as declarações da Assiriologia, desaconselhando até mesmo ao Museu do Louvre de adquirir as inscrições cuneiformes



encontradas em Nínive e Tel el Amarna. Como disse Steinmann, “sua mediocridade d’álma o fez compreender mal o sopro profético do Antigo Testamento” (1960, p. 51).

3. NABUCODONOSOR E A ARQUEOLOGIA

O achado específico de Nabucodonosor se deu em 1899, exatamente 86 anos depois que Claudius J. Rich publicou em Viena o seu *Memoir on the ruins of Babylon*, que marca historicamente o reencontro das ruínas de Babilônia.

Sob patrocínio da *Deutsche Orientgesellschaft*, o alemão Robert Koldwey escavou a cidade começando pelo lado leste e, encontrou tijolos que revelavam algo fascinante acerca da arte de construções demonstrada por Nabucodonosor. Enquanto seus antecessores faziam os palácios e templos de tijolos de argila secados ao sol, que não tardavam a se deteriorar com as intempéries do tempo, Nabucodonosor parece ter inaugurado a arte de cozer tijolos no forno para dar maior durabilidade ao material. Por isso, ainda por séculos após de sua época, as populações que se seguiram usaram esses mesmos tijolos neo-babilônicos para construir casas e muros que podem ser vistos até hoje na região.

Os tijolos desenterrados por Koldwey revelariam ainda mais uma prova da autoria daquelas construções. Seu idealizador era Nabucodonosor e não Semíramis, como se faziam supor os lendários relatos de Ctésias. Vários tijolos apresentavam inscrições cuneiformes com o cunho de Nabucodonosor para a marcação dos blocos usados na construção de muros, do palácio e do próprio templo.

A decifração, em princípio, dessas seqüências cuneiformes seria motivo de polêmicas se não fosse a descoberta, poucos anos antes, da biblioteca de Assurbanipal com seus dicionários e tabletes de equivalência fonética. A causa da confusão se daria pelo fato de os semitas acádicos adotarem para si um tipo de escrita que fora idealizado para uma língua bastante diferente, que era o sumério. Por isso, havia fonemas que nem sempre se equivaliam e os sinais fonéticos poderiam representar variados sons.

O “r”, por exemplo, é expresso por sete sinais diferentes para indicar as sílabas “ra”, “ri”, “ru”, “ar”, “ir”, “ur”. Se for acrescentada uma consoante a essas sílabas a fim de obter um novo som como “ran” ou “mar”, de cada acréscimo teremos que dispor um novo sinal. É evidente que, ocorria uma anfibologia lingüística quando os vários sinais unidos num grupo perdiam seu valor fonético original para assumirem o significado de uma determinada idéia, nome ou substantivo.

Logo, como no início das traduções ninguém sabia nada do sumério em relação ao acádio, o nome próprio de Nabucodonosor seria naturalmente lido como AN-AC-CHA’-DU-CHICH, conforme uma seqüência ou NA-PA-SA-DU-SIS, conforme outra. Ora, esse seria um nome totalmente desconhecido para qualquer monarca babilônio. Foi a essa altura que os dicionários encontrados na biblioteca de Assurbanipal entraram em cena, revelando, não sem grande surpresa, que:

NA-PA ou ANAK equivaleriam ao ideograma sumério do deus NABU;

SA-DU ou CHADÚ corresponderiam a KUDURRU (possivelmente “confim”, “costas”, “fronteira” ou “filho”);

e SIS ou CHICH seriam os equivalentes sumérios do verbo NASARU (proteger), aqui usado no imperativo USUR.

O nome, portanto, seria NEBU-KUDU-R-RIU-SSUR ou NABU-KUDURRU-USUR, que além de significar “Nabu, proteja meus confins (ou minhas fronteiras, minhas costas, ou ainda, meus filhos)”, equivale à forma bíblica “Nabucodonosor”.

A multiplicidade de formas em que o nome parece grafado em diferentes textos cuneiformes, demonstra que sua transcrição não era tão uniforme como os críticos diziam, a ponto de afirmar que Daniel se equivocou ao transcrever o nome do rei (o que indicaria ser o autor do livro um judeu tardio que jamais esteve na corte de Babilônia). Callahan (1996) supõe que na porção hebraica de Daniel, a terminação *-nosor* seria um erro grosseiro em comparação com a forma correta *-rosor*, certamente usada no palácio caldeu. Nisto, ele é seguido por Sierichs (2001), Van Eck (2001), Collins (1994) e Driver (1900).

O Dr. Stephen Miller (1994) ainda defende que a forma “Nabucodrosor” seria muito mais próxima do babilônio “Nabu-kudurri-usur”, que aquela usada por Daniel. No entanto,



outros autores anotaram que a mudança do “r” no acadiano e no aramaico para “n” no hebraico, constituía uma prática filológica plenamente aceitável (Archer, Jr., 1985).

A nosso ver, a multiplicidade de formas encontrada nos tijolos cuneiformes esclarece o fato demonstrando, a possibilidade de haver mais de uma grafia para o nome de Nabucodonosor. Ademais, é possível que a forma –*nosor* seja uma adaptação do original acadiano ou uma equivalência fonética do hebraico ao sumerograma original.

4. ESTUDO ANALÍTICO DE UMA INSCRIÇÃO

Em 1988, um professor de religião da rede adventista de ensino de Vitória, ES, recebeu como doação para fins didáticos um tijolo trazido diretamente das ruínas de Babilônia, no atual Estado do Iraque. O doador, que era projetista de uma grande firma de construção civil, havia trabalhado por longos anos no Iraque e era seu costume visitar semanalmente o local onde, no final do século XIX, Rich havia iniciado as escavações da grande cidade caldeia.

Entre os milhares de cacos de barro e pedras antigas que ainda jazem no lugar, um pedaço de tijolo lhe chamou a atenção. Ele continha estranhas letras que certamente representariam uma antiga inscrição. Um soldado iraquiano, que se tornara seu amigo, permitiu-lhe trazer o tijolo como uma espécie de *suvenir* das terras iraquianas.

De volta ao Brasil, o projetista acabou desistindo de ficar com o objeto, e acabou doando-o ao professor que o utilizava para ilustrar as classes de Daniel, dada a alunos do ensino médio e fundamental. Nenhum dos dois, porém, tinha conhecimento do conteúdo da inscrição, nem do valor real daquele artefato.

Quando, porém, o mencionado professor se aposentou, resolveu morar nas redondezas do Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP. Foi nesse contexto que houve de nossa parte um interesse em conhecer o artefato e trabalhar em sua tradução como parte de um projeto de pesquisas do Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo.

O que a inscrição revelara foi tremendamente surpreendente. Tratava-se de três linhas paralelas, lidas na horizontal e da esquerda para a direita, conforme o estilo neo-babilônico que permaneceu ativo de 625 – 539 a.C (von Söden, 1994) – primeiro indício paleográfico de datação do objeto.

Eis aqui a transliteração dos símbolos cuneiformes, seguida de sua tradução:

Transliteração:

- 1) d.NA3-ku-du2r-ri-URU3 LUGAL KA2.DINGIR.RA.KI [za-nin]
- 2) E2.SAG.IL2 u3 E2.ZI.DA IBILA [[x]]
- 3) Sha d.NA3.IBILA.URU3 LUGAL KA2.DINGIR.[RA.KI]

Tradução:

- 1) (eu sou) Nabucodonosor, rei de Babilônia, [provedor]
- 2) (dos templos de) Esagila e Ezida, primogênito
- 3) de Nabopolassar, rei de Babilônia.

Essa inscrição é bem conhecida, já tendo sido localizada com pequenas variações no conteúdo em vários exemplares encontrados em Babilônia, Borsipa e outras cidades. Algumas estão expostas no British Museum de Londres (Mitchell, 1996). Como foi dito, era uma espécie de “assinatura real” de Nabucodonosor nos vários monumentos que erguia.

A transliteração sugerida baseia-se na *Assyrich-babyloniches Zeichenliste* de Berger (1981), que varia um pouco daquela encontrada no *Manuel d'Épigraphie akkadienne* de Labat (1988). Antes, porém, de ser apresentada, ela foi conferida pessoalmente por vários assiriologistas como Everling Janós, editor do *Babylonian Texts of the First Milenium BC* e professor das Universidades de Paris e Budapeste; Francis Joanes, professor de História Antiga da Universidade de Paris; Oseas Moura, doutor em línguas semíticas pela PUC do Rio de Janeiro. As letras maiúsculas equivalem ao sumeriano e as minúsculas, ao acadiano.

Os últimos sinais da segunda linha estão apagados, mas aparentam conter erro de escriba. Como a pedra encontra-se quebrada no lado direito, o final das três sentenças foi reconstruído com o auxílio de outras inscrições cuja sentença é tremendamente parecida.

É possível ainda, conforme a figura mostrada por Hoerth (1999), que a parte faltante da segunda linha seja IBILA A- [sha-re-du], “primogênito e[xaltado]” (Berger, 1973; Cussini, 1998;



Volk, 1999). Quanto à transliteração final Na3.Ibila.URU3, não há dúvidas de que seja o nome NAbu-apal-uszur ou seja Nabopolasar.

5. SITZ IM LEBEN DA INSCRIÇÃO

Conforme já mencionado, era costume de Nabucodonosor “assinar” com o selo de sua inscrição os tijolos de prédios públicos como forma de perpetuar seu nome nas gerações seguintes. Esse aspecto de seu caráter coaduna com a descrição bíblica que o apresenta construindo uma estátua toda de ouro, com o fim de eternizar seu reino diante dos homens. De igual modo, destaca-se perante esses fatos, sua máxima registrada em Daniel 4:30: “Não é essa a Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder, e para a glória da minha majestade?”

Realmente, como acentua Caiger (1947), “Babilônia deve a esse monarca a maior parte da reputação imortal de sua magnificência”. Esagila e Ezida são os respectivos nomes dos templos de Marduque (Bel), em Babilônia, e Nebo (pai da cultura), em Borsipa. O primeiro quer dizer “casa de torre elevada (ou casa que faz erguer a cabeça)”, e o segundo “casa da paz” – títulos muito sugestivos para demonstrar o tom pietista do culto babilônico.

Esagila é, evidentemente, mais destacado que Ezida não só por suas dimensões, como por sua dedicação a Marduque, que era a principal divindade do panteão babilônico. Ali se ofereciam constantes sacrifícios de gados com suas crias. As exageradas medidas de Heródoto o apresentam como sendo um quadrado com 354 metros de lado, uma dimensão que pode ser diminuída em pelo menos 50% (Mella, 1996). Mas ainda assim, uma obra magnífica para os limites da época.

Sem diminuir o gênio construtor e administrativo de Nabucodonosor, é necessário acentuar que muito de seu sucesso se deve à boa herança deixada por seu pai, Nabopolasar (626 – 605 a.C.). Com esse rei, Babilônia havia entrado numa dimensão áurea que parecia resgatar os bons tempos dos sumérios e acádios. Ao contrário dos assírios que amavam estampar o relevo de suas batalhas sanguinárias, os babilônios sob Nabopolasar e, depois, sob Nabucodonosor, preferiam deixar suas construções como forma de perpetuar sua memória, costume esse que seria seguido mais tarde pelos céсарes de Roma.

6. CONCLUSÃO

Um achado como esse é tremendamente esclarecedor quanto ao contexto naturalmente obscuro de uma era que deixou pouca documentação histórica. Para a arqueologia, fragmentos e poucas letras podem elucidar muitos mistérios e inspirar muitas teorias.

Porém, são muitas as dificuldades com que se depara o arqueólogo. Elas vão desde questões financeiras (pois os empreendimentos são caros e poucos se interessam nesse tipo de investimento), até impasses políticos quando o complexo de países que detêm esses artefatos está envolto em iminentes guerras e constante risco de segurança.

No caso específico da Teologia Bíblica, percebe-se que a atividade arqueológica sempre será um poderoso aliado na compreensão e confirmação do relato escriturístico. Todos os exegetas deveriam atentar para os resultados de uma pesquisa arqueológica sempre que empreenderem a compreensão especializada de um texto da Bíblia. Em se tratando de Teologia, a hermenêutica jamais deveria prescindir da ferramenta oferecida pelos arqueólogos. Nossa compreensão da fenomenologia religiosa será muito enriquecida se usarmos a pá do arqueólogo como ferramenta interpretativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Archer, Jr., G. (1985) *Daniel, Expositor's Bible Commentary*, Grand Rapids, MI: Zondervan.
Ben Tor, A. (1992) *The Archaeology of Ancient Israel*, New Haven: Yale University Press.
Berger, P. -R. (1981) *Assyrich-babylonisches Zeichenliste*, Auflage: Neukirchen-Vluyn.
Berger, P.-R. (1973) *Die Neubabylonischen Königsinschriften*, AOTA 4/1 Auflage: Neukirchen-Vluyn.



- Caiger, S. (1947). *Bible and Spade* London: Oxford University Press.
- Callahan, T. (1996). *Bible Prophecy: Failure or Fulfillment?* New York: Millennium Press.
- Collins, J. J. (1994) *Daniel, Hermeneia*, Minneapolis, Fortress Press.
- Cusini, E. *A Neo-Babylonian Brick in the Armenian Mechitarist Monastery in Venice* (art. Não publicado)
- Driver, S. (1900) *The Book of Daniel: Cambridge Bible for Schools and Colleges*: University Press.
- Ferreira, A. B.H., (1996) *Novo Dicionário Aurélio*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Hoerth, A. J. (1999) *Archaeology and the Old Testament*, Grand Rapids, MI: Baker Book House.
- Kerr, W. C. (1940), *Alta Crítica, Avanços e Recuos* – Rio de Janeiro: Primeiro Congresso de Cultura Religiosa.
- Labat, R. (1988), *Manuel d'Épigraphie akkadienne*, Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner S.A.
- Mella, F. A. A., (1996) *Dos Sumérios a Babel*, São Paulo: Hemus.
- Miller, S. Daniel, (1994) *The New American Commentary*, Nashville, TN: Broadman.
- Mitchell, T. C. (1996) *The Bible in the British Museum – Interpreting the Evidence*, London: British Museum Press.
- Sierichs, Jr., W. (2001) "Daniel in the Historians' Den" (*TSR*, Vol. 7.4, p.8).
- von Soden, W. , *The Ancient Orient - An Introduction to the Study of the Ancient Near East* Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994.
- Steinmann, J. (1960) *La critique devant la Bible – Je sais – je croi*, Paris: Librairie Arthème Fayard.
- Van Eck, S. (2001) "Nebuchadnezzar" (*TSR*, Vol. 9.6, p. 11).
- Volk, K. (1999) *Eine weitere Nebukadnezar II. Backstein-Inschrift*, Tübingen: Eberhart-Karls-Universität.